

IMPRESSÃO DE VISITA AO KIBUTS DE GUINIGOR

(VER 2.ª PÁGINA)



AÇÃO DIRETA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Diretor: JOSÉ OITICICA

Redação: AV. ERASMO BRAGA, 227-5.º ANDAR — SALA 519

Administrador: MANUEL PERES

ANO VII — N.º 94

Rio de Janeiro, Julho e Agosto de 1954

Preço: Cr\$ 1,00

CAIXA PORTAL 4.588

A CONQUISTA DO PÃO

ESTÁ À VENDA A NOVA EDIÇÃO DO INTERESSANTE LIVRO DE KROPOTKIN.

Pedidos a AÇÃO DIRETA

Cx. Postal 4588

PREÇO Cr\$ 35,00

PADRES E POLÍTICOS

Por VARLIN

ELEIÇÕES

Não se fala em outra coisa tirando o futebol e a vida cara. Três assuntos únicos, dominantes, avassaladores. Porém, notem isto: apesar da vida cara, os estádios ficam superlotados de gente que paga entrada.

Significa isso que o futebol vale mais que a cebola a dezoito cruzeiros e a dúzia de bananas a nove.

Entretanto, as eleições vão tendo larga parte nas cogitações do povo e os candidatos operários se engolfam na pachuchada eleitoral, com candidatos seus para deputados e vereadores, como se as câmaras dos parlamentos da burguesia fossem lugar apropriado para trabalhadores empenhados na defesa da própria pele.

Esses trabalhadores não compreendem o seguinte: sempre serão queiram ou não queiram, insignificante minoria nessas câmaras capitalistas. Nessas câmaras, predominam homens de cultura muito superior à dos trabalhadores, muito mais conhecedores das leis burguesas, das astúcias negociadas, mestres na parlapiçes jurídica; todos eles são ou capitalistas de fato ou prepostos dessa classe dominante, seus clientes ou apaniguados. A experiência tem mostrado que os má figura fazem os proletários nessas câmaras dos nabobos. Terminam sempre ou por silenciarem de todo, ou por irem no arrastado dos partidos sempre subordinados a um chefe ou a um diretório de chefões que por todos pensam e decidem.

Faz pena, realmente, ver sindicatos de trabalhadores chafurdados, atolados na malandrice política, em vez de protestarem solenemente contra a intervenção desses galopins burgueses na vida sindical. Sindicato não é órgão eleitoral, é casa do trabalhador braçal, é a fortaleza dos explorados contra os exploradores, é o quartel mestre do exército operário onde se devem agarrar os pobres na tremenda luta contra os assaltantes do trabalho.

De 1913 a 1919, contam-se seis anos gloriosos para a vida sindical no Brasil.

Nesses seis anos, os sindicatos do Rio e de S. Paulo varreram das suas sedes a cãfila de políticos que dos trabalhadores se valiam para, por meio dos seus votos, galgarem posições rendosas e, mais que rendosas, pro-

picias a negócios polpudos. Um desses politiqueros permaneceu influindo no sindicato dos Marinheiros e Remadores. Foi o dr. Nicanor Nascimento. Permaneceu até a época nefasta do presidente Epitácio Pessoa. Porém, uma traição sua, bem clara, à classe em greve, abriu os olhos a esses trabalhadores, alertados pelo diário anarquista *Voz do Povo*, e esse último remanescente da política nos meios operários foi expulso, como devia, da sede gremial.

Hoje, os valentes sindicatos daqueles gloriosos seis anos, seis anos em que obtiveram, pela ação direta, a jornada de oito horas com salários arbitrados por cada classe, o descanso semanal para os padeiros, a agitação em favor das mulheres e, acima de tudo, respeito e consideração, tratamento de igual para igual por parte das autoridades burguesas, hoje, esses sindicatos estão sujeitos a polícia e ao Ministério do Trabalho, são explorados lamentavelmente por pelegos, chefes políticos e cabos eleitorais, são forçados a pagar imposto sindical arbitrado pelo governo e se deixam embebedar pelo ópio da política nefasta, essa política de velhacos da pior espécie, mentirosa, enganadora e trampolneira.

Os partidos políticos, mercê da ação inicial, em 1919, do partido comunista, o velhaco-mor, infiltraram-se novamente nos sindicatos traídos pelos que mais gritavam como seus libertadores.

Deixando o método da ação direta, ouvindo a voz da sereia, enveredaram os trabalhadores pelos processos de ação partidária, com chefões, chefes e chefetes. Resultado: esses chefões, chefes e chefetes os algemaram, passaram a dirigir suas contendas com os patrões, fizeram disso meio de luta, não sindical, mas política e, em poucos anos, destruíram o sólido baluarte com tanto sacrifício construído naqueles memoráveis seis anos.

A luta eleitoral mata a luta sindical. Luta eleitoral é luta burguesa; luta sindical é luta proletária contra os burgueses. É de toda evidência que o lugar dos trabalhadores é na baricada sindical e não nas casamatas parlamentares; no sindicato livre e não nas câmaras escravizantes.



OS POLÍTICOS E O POVO

Quando os políticos se reúnem, prometendo melhorias gerais de vida em troca de votos, o povo inquieto aguarda que se processe mais uma exploração de seus direitos.

FOI INSTAURADO NA ESPANHA O VERDADEIRO SOCIALISMO

Por MANUEL PERES

O povo espanhol, após vencer o fascismo em luta titânica nas ruas de Valência, Madrid e Barcelona, realizou a transformação social mais formidável que registra a história humana, pondo em prática, em toda a sua plenitude, o verdadeiro socialismo.

O regime pósto em vigor na Espanha pelos trabalhadores, depois de vencerem heróicamente as hordas fascistas, foi o verdadeiro socialismo, o que tem por base a socialização de todas as riquezas, que passam a ser propriedade comum da coletividade.

Isso foi realizado na Espanha em plena guerra, e em fraternal colaboração entre a **Confederação Nacional do Trabalho da Espanha**, de orientação francamente libertária, e a **União dos Trabalhadores** de tendência socialista, e o seu triunfo total, que seria o triunfo da Revolução Social em toda a Europa, não foi possível porque o proletariado internacional, num gesto suicida, abandonou à sua própria sorte os seus irmãos da Espanha.

Numa demonstração formidável de capacidade construtiva, os trabalhadores, por intermédio de seus organismos de classe, socializaram as indústrias, entre elas, os transportes, a eletricidade, o ramo têxtil e fabril, a metalurgia, a alimentação, as indústrias químicas e mobiliária, etc.

As terras, até então exploradas por uma minoria de proprietários egoístas e reacionários, foram entregues aos camponeses, os quais criaram as Coletividades Agrícolas que ficaram patrimônio comum de todos os seus componentes, como igualmente os seus produtos, dos quais, retirada a parte necessária para uso da coletividade, a restante servia para intercâmbio de outros produtos com as indústrias socializadas.

E tudo isso foi possível, porque desde muito, nos sindicatos operários orientados pela **Confederação Nacional do Trabalho**, os trabalhadores, longe de perderem o tempo com problemas de caráter político, estudavam com carinho os seus próprios problemas, pensando sempre na forma de organizarem a produção e o consumo, no dia em que, derrotado o capitalismo, fosse instaurado um novo sistema de convivência social.

Graças a essa capacidade construtiva é que, 48 horas após a sublevação fascista, quando os capitalistas, fugindo à vindicta popular, saíram da Espanha abandonando fábricas e propriedades, os trabalhadores punham em marcha toda a atividade social, agrícola e industrial, nas regiões já livres da invasão fascista.

NÃO HOUE NA ESPANHA REVOLUÇÃO COMUNISTA

Para desprestigiar a obra construtiva do povo espanhol, a reação internacional afirmou sempre que Franco sublevaria o exército para fazer frente a uma conspiração comunista que punha em perigo as bases fundamentais da civilização ibérica. Nada mais falso e mais infame.

Dos países latinos é talvez a Espanha a que menos sentiu a influência comunista, já que o seu povo, pelo seu temperamento profundamente individualista e por seu amor à liberdade, detestou sempre todo regime de tendência ditatorial e, entre esses, figurava o que estava em vigor na Rússia.

O Partido Comunista Espanhol não tinha a menor influência entre as massas proletárias, que estavam agrupadas nos dois organismos sindicais, C. N. T. e U. G. T., e no terreno político, basta dizer que, dos 475 componentes do Parlamento Republicano, apenas 15 pertenciam ao referido partido e só um destes deputados, o Dr. Cayetano Bolívar, médico de Málaga, foi eleito diretamente pelo mesmo, já que os restantes 15 foram pelas sobras dos partidos socialistas e republicanos, que os incluíram em suas chapas para evitar que estas cadeiras

fôssem ocupadas por elementos dos partidos da direita monárquica.

A intervenção da Rússia na guerra espanhola, obra nefasta de homens como Negrin, Alvarez del Vayo, Camorera e outros satélites a serviço de Moscou, foi uma das causas fundamentais da derrota daquele povo heróico, pois ninguém ignora que a U. R. S. S., quando verificou que não era possível impor à Espanha as suas normas políticas, a abandonou a sua própria sorte, permitindo que os seus agentes exterminassem covardemente, nas inúmeras checas constituídas no território ibérico, grande número de antifascistas, que não aceitavam a ditadura soviética.

FOI O FASCISMO INTERNACIONAL QUEM PREPAROU A SUBLEVAÇÃO FRANQUISTA

Nas páginas da história humana, figuram, escritas com letras de sangue, as verdadeiras causas da tragédia espanhola, que havia de culminar, pela apatia suicida das chamadas — Democracias —, na hecatombe mundial, que, além de destruir cidades e aldeias, anulando cruelmente o esforço de muitos anos de trabalho fecundo, sacrificou a mais de 50 milhões de seres (Cont. na 3.ª pág.)

Avizinha-se a campanha eleitoral. Os políticos manobram audaciosamente o povo nos lugarejos onde exercem influência. Exibem-se enormes placas com letras berrantes e alarmantes; pintam-se paredes, distribuem-se cartazes e calendários, retratos e biografias. Os caciques, adestrados na propaganda, espiam-se uns aos outros, suscitam conflitos, mortes, etc.

Enquanto isso acontece fora dos partidos, nas sedes dos mesmos discute-se quem há de ser eleito, quem deve apresentar sua candidatura, como convencer o povo, quais as ofertas para decidir os indecisos. Em seguida, os candidatos procuram os lugares por onde mais lhes convirá candidatar-se e colhem nos mesmos a opinião do povo sobre as necessidades locais: calçamentos de ruas, escolas etc. Logo depois, fazem correr a notícia: "Se forem eleitos, promoverão a felicidade do povo, por meio de grandes melhorias no lugar", os que não acreditarem em tais promessas, terão cachaca e, se ainda resistirem, um termo de roupa. Se depois disto faltarem a urna, perderão o emprego ou serão até mortos. Isso caso não seja aprovado o absurdo projeto entregue à Câmara dos Deputados pelo representante mineiro Alberto Docato em 18/3/54 (publicado pelo "O MUNDO" em 19/3/54). Segundo o periódico acima citado, o projeto pede que os faltosos às urnas não possam realizar transmissões de imóveis inter vivos, registrar contratos, nem possam casar-se. Determina ainda que as repartições pagadoras de Autarquias descontem 30% nas importâncias que tenham de receber os faltosos, sendo essas importâncias entregues ao Tribunal Eleitoral.

Em presença de tal monstruosidade, o padre assiste, calma e manhosamente, ao desenrolar da comédia, e sorrivelmente procura tirar o melhor partido dos seus crentes. Depois de falar nas chamas do inferno, assadoras de ímpios, promete o céu e a terra aos devotos logo que votem, já se vê, nos candidatos que melhor conhem à Igreja.

Padres e políticos são dois nomes que representam a mentira do Céu e da Terra. O padre promete o céu e todas as bênçãos, a harmoniosa música dos anjos, o confortável lugar reservado junto de S. Pedro. O político promete vida confortável na Terra, aumento de salários, baixa de preços dos gêneros alimentícios, habitações maravilhosas, abertura e calçamento de ruas, e, cínicamente, participação dos operários nos lucros das empresas e no Governo da Nação.

Após a comédia, desfazem-se os milhares e milhares de promessas, insultos à verdade, à razão e à consciência, como se esta fora um trapo velho ou uma palavra vã. Nenhuma intenção de transmitir verdades ao trabalhador, em geral ao povo que o elegeu, como se ele fosse eterno escravo.

Trabalhadores! Povo humilde e espezinhado pela tirania dos Governos! Qualquer que seja a vossa posição social, não acrediteis em promessas de políticos; afastai-vos para sempre dos hipócritas, dos embusteiros, que são todos os políticos desde os integralistas até os socialistas ou bolchevistas. Todos eles são provocadores de guerras intermináveis, onde perdem a vida e a juventude os filhos do povo, que nada tem que ver com a desinteligência de seus tiranos, pois a guerra é uma consequência da ambição de políticos e capitalistas. As vítimas somos nós que nada temos com a loucura dos ambiciosos políticos, nem tampouco conhecemos aqueles a quem tentamos matar por imposição dos governantes, além fronteira. Tudo isso enquanto o padre benze as urnas assassinas e destruidoras dos mais modestos lares e que arrastam para a orfanidade milhares de crianças a quem a falta de educação, de pão, de carinho, converte, depois em vagabundos, em saltadores e assassinos. A miséria leva à prostituição muitas jovens que, com o amparo dos pais, seriam esposas exemplares.

Trabalhadores! Povo oprimido! Todos nós conhecemos, ainda bem recentemente a guerra na Coreia, em que se destruíram milhares e milhares de lares humildes, por uma ganância insaciável de políticos e capitalistas. Entrevieram todas as fa-

(Cont. na 3.ª pág.)

NOSSOS LIVROS

Os "Kibuts" são colônias agrícolas coletivistas em Israel, cujo número, atinge cerca de 200. Diferem muito dos "kolkozes" russos: a entrada e a saída são voluntárias, todos os problemas decidem-se democraticamente. Vivendo e trabalhando no "Kibuts", cada colonista tem moradia, comida, roupa, educação dos filhos, sustento dos pais velhos, férias, excursões pelo país etc. Saindo do "Kibuts" não levam consigo nada.



"O DIÁRIO DO DR. SATAN" (Comentários subversivos às escorrências quotidianas da Sifilização Cristã), por Roberto das Neves. 272 páginas e 71 caricaturas de vários autores. Ed. GERMINAL (Caixa Postal 142 — Lapa — Fio), 1954.

O companheiro Roberto das Neves é dos que sabem mostrar como na literatura rebelde cabe a ironia, como a veia satírica pode ser arma capaz de ir longe e fundo no arcabouço da sociedade infestada de erros e mentiras. O autor veste-se de Demônio e ri, mas castiga seriamente quando aparece, no "Diário do Dr. Satan" agora publicado, como esgrimista que espreita e apra qualquer golpe, desferindo na recarga o seu ferro esbraseado e infalível.

Através deste livro coruscam novamente as orações rápidas, agudas e oportunas da seção "Não apoiado!", com que Roberto das Neves, sob a capa de "Dr. Satan", nos aparecia nas páginas da "Ação Direta", não deixando escapar cena ou manifestação que lhe desse motivo às observações libertárias.

Mas o "Diário do Dr. Satan" não é apenas isso; não é um círculo de sectarismo em que o tema pesado prejudica a boa disposição do leitor. Há nele sínteses admiráveis de doutrina, e há sobretudo um objetivo constante e contentemente atingido, ao ferir os fatos com precisão, ao atacar com vivacidade os males do clericalismo, da política, do capital, do fascismo, de tudo que se oponha ao bem e à liberdade.

O novo livro do companheiro Roberto das Neves reúne também farto número de crônicas da era liberticida de Stalin, Hitler, Mussolini, Franco, Salazar e seus patronos vaticanistas. Termina com um "Documentário" de crônicas e reportagens sobre o fascismo ibérico, e no seu fecho está o brado da "Internacional", que é mais forte e mais verdadeiro em esperanto, o idioma universal. Livro de luta, boa sequência dos poemas de "Assim cantava um cidadão do mundo", que há pouco nos deu também Roberto das Neves com a mesma filosofia, ora serena, ora reveladora de temperamento de artista nas cintilações da revolta.

FOI INSTAURADO NA ESPANHA O VERDADEIRO SOCIALISMO

(Continuação da 1.ª página)

humanos, sob a promessa de uma liberdade que jamais existiu, nem existe, já que o mundo vive hoje, como nos tempos de Hitler e Mussolini, em pleno regime de agressão e tirania.

Desde Maio de 1936, quando Primo de Rivera visitou o Duce em Roma, e o coronel Beigbeder fez idêntica visita a Hitler em Berlim, estava preparado pelo fascismo internacional o golpe contra a liberdade do povo espanhol.

A França, a chamada pátria da liberdade e dos direitos do homem, não quis compreender que a instauração do fascismo na Espanha a colocava num círculo de ferro, ao ficar cercada por três regimens ditatoriais: o da Alemanha, o da Itália e o da Espanha franquista.

O próprio Léon Blum, líder supremo, então, do socialismo francês, e chefe do Governo, preferiu o triunfo de Franco com medo da transformação social. Bem caro pagaram o seu erro e bem caro o está pagando hoje o proletariado internacional, que, pouco a pouco, vai perdendo os seus direitos, conquistados a custa de tantas lutas e sacrifícios.

A. ESPANHA NÃO FOI VENCIDA, LUTA COM HEROISMO E TRIUNFARA

A Espanha não foi vencida e teria triunfado em menos de 8 dias, não fosse a intervenção descarada da Itália, da Alemanha, de Portugal, dos sicários de Marrocos e da indiferença dos chamados povos livres do mundo.

Prova disto é que resistiu durante três anos, em luta titânica contra a reação de todo o mundo. Além de enfrentar o inimigo nos campos de batalha, ainda tinha forças para produzir, cultivando a terra e fomentando as indústrias. Hoje continua lutando com o mesmo heroísmo, dentro e fora do seu território, pois, enquanto os guerrilheiros enfrentam os sicários nas montanhas, na Europa, na África, na Ásia e na América, milhares de exilados lutam auxiliando os seus irmãos distantes, seguros de que o dia da vitória final se aproxima a passos agigantados.

Que o proletariado internacional, recordando a gesta maravilhosa de julho de 1936, auxilie os seus irmãos da Espanha, certos de que a liberdade das terras heróicas de Ibéria será o início da liberdade total para todos os povos do mundo.

RONDA NOTURNA

Deserta, às desoras, cobria-se a praça, silenciosamente, de lua. A lua, resvalando nas paredes parduscas, branqueava o átrio da velha igreja, o poço da grande mansão e caia, perpendicularmente nos balcões da casa solarenga dos Rieras.

O povo, uma dessas cidades velhas onde parece haver-se detido o curso do tempo e por onde, sem rumor, deslizam dias após dias, quedava de todo. Apenas, de vez em vez, ouvia-se o miado flébil de um gato viandando nos telhados, o estridente ladrar de um cão a algum transeunte. Pertinho, mugia suavemente uma vaca, de certo presa no estábulo da albergaria.

Tangidas pela fina brisa, sacudiam-se as folhas das árvores. Suas sombras, projetando-se no chão e iluminadas pela lua, traçavam múltipla e caprichosa dança.

O relógio da igreja, melancolicamente, desfiou a meia noite. Só o tinar de bronze perturbou a paz total, o espesso e profundo silêncio do pesado ambiente. Como se fôra senha, desembocaram na praça dois grupos de noctâmbulos, de regresso aos lares, antes de bater a hora das bruxas. Um deles, de senhores maduros, vinha de jogar o três sete na inevitável botica dos povoados. O outro, mais bulçoso, compunha-se de gente moça, provinda do Cassinilho, café com pretensões a cabaré, onde, para animar a freguesia, ostentavam graças artistas fáceis.

Chegados os dois grupos à praçazinha foram-se embuçando e dissolvendo os do primeiro — cada coruja à sua toca — e os do segundo continuaram em corrilho entre risos e batebocas comedadas.

Dentre estes, avultou um jovem alto e magro, alçou a vista à fachada do solar Riera e percebeu, apoiada no balcão e imóvel, uma figura feminina, branca.

— Olhem! Rosa Maria não foi deitar-se ainda. Todos volveram-se para o balcão.

Apesar de não ser ainda das mais numerosas (cerca de 500 trabalhadores), entretanto, pelo seu progresso e êxito, o Kibutz Guinigor pertence às mais modernas colônias de Israel. Ficou encantado quando se descobriu, pela primeira vez, ante os seus olhos, o quadro da colônia com suas sólidas construções, económicas e sociais, com suas casas brancas e asseadas, cercadas de tapetes multicores de campos e da "floresta de Balfur".

Por mais que lêssemos de longe sobre o crescimento e desenvolvimento dos Kibuts, ficaram, entretanto, estas colônias em nossa imaginação ligadas às barracas de lona e aos colonistas de calças rasgadas, à comida escassa compensada com canções e danças.

Por isso, ficamos admirados quando vimos a sólida estabilidade do Kibutz, suas construções maciças, modernas máquinas agrícolas, oficinas ricas, salões grandes, a mesa farta de comida variada e gostosa, moradas modernas, onde a varanda e o canteiro de flores são uma parte indispensável na casa de cada casal, com o chuveiro, estante de livros e cortinas brancas nas janelas.

É verdade que nem todos os colonistas do Kibutz têm estas brancas casas modernas. É preciso ficar na fila, conforme o número de anos de trabalho e devido às condições de família. Minha prima e seu marido, por exemplo, são dois fundadores da colônia, por isso foram os primeiros a receber a casa. Consta ela de um quarto e salinha, bastante confortá-

veis; modestamente, mas com gosto, mobiliados. Possuem um rádio, uma chadeira elétrica para preparar chá ou café quando não estão dispostos a ir à sala de comida comum. Há também um cantinho para acolher visitas, que não são raras. Três vezes por dia, o hóspede vai à sala de comida, onde ele fica à mesa comum, não precisando de ser apresentado a ninguém e será servido com a mesma atenção que os outros.

Aqueles colonistas, que devem esperar a sua vez de receber a casa (lá sempre constroem casas) arrancham-se confortável e asseadamente: têm um banheiro com chuveiro perto da casa comum.

A igualdade se vê em todo campo em toda oficina, em todo rosto, que vem a nosso encontro, seja de um adulto ou de uma criança.

Aliás, os rostos das crianças parecem mais abertos, mais livres, pois elas aqui nasceram em ambiente de igualdade. Para elas o mundo de exploração, de senhor e servo, não é somente o mundo ruim, mas também inatural e artificial.

As casas de crianças, brancas e claras, foram para mim uma grande surpresa. Nelas 212 crianças implantam-se no convívio coletivo, e simultaneamente salvaguarda-se e cria-se a individualidade de cada uma.

Os pequerruchos ficam sempre em suas casas, onde são visitados pelos pais.

Os maiores ficam com os pais, depois de acabar o trabalho.

Quando anoitece é preciso se deperdir e ir dormir na casa das crianças. Todos tentam adiar o momento de despedida.

Depois que as crianças vão dormir, muita gente do kibutz reúne-se na sala grande para discussões, para leitura, dão passeios, vão a cinema. De vez em quando, chegam artistas de Tel-Aviv e representam no teatro novo, construído em conjunto por algumas colônias vizinhas.

A atividade cultural ocupa lugar importante na colônia. O que mais alegria o pessoal do Kibutz não é o que já construíram, mas o que ainda vão construir: uma nova escola, uma nova sala de comida, um novo estábulo para ordenhar as vacas, novas casas de morar, galinheiro para pintos.

Andei pelas estradas da colônia e senti profundo respeito ao seu pessoal, que construiu tudo isso e ainda continua a construir. E tudo se faz sem ordem do dono, sem ameaça de fome e sem estímulo de lucro, levados somente pelo sublime desejo de plantar com as mãos de judeus as sementes de nova sociedade humana, baseada na igualdade, fraternidade e trabalho coletivo.

Há trinta anos duas dezenas de sonhadores fundaram esta colônia que permanece firme até hoje, aprovada pelo exame do tempo. É preciso ainda uma prova melhor da viabilidade de uma sociedade coletivista?

(Transcrito do "Diário de Notícias" de 29-11-1953).

Nota de Ação Direta. — Essa é a sociedade anarquista. Essas colônias demonstram o erro do tal Estado marxista, intermediário, entre o capitalismo e a anarquia.

CARTA DE FRANÇA (1)

Decadência e Divisão

de JULIAN FLORISTAN

A jornada de 1.º de maio, outrora de reivindicação e luta revolucionária, vai pouco a pouco passando sem pena nem glória.

Desde que o 1.º de maio de 1886, com seus memoráveis feitos, passou à história do proletariado universal, transcorreram 68 anos. Ninguém poderá dizer que o assassinio de um punhado de anarquistas em Chicago, fôra inútil para a emancipação da classe operária. Entretanto, pouco temos avançado desde então. Naquela gloriosa data, reivindicava-se a jornada de oito horas, porque os trabalhadores se embruteciam com jornadas intermináveis de 12 e 14 horas e também porque o adiantado do maquinário na indústria tornava desnecessária grande porção de braços.

Ao cabo desses 68 anos, conseguimos não reduzir as horas de trabalho? Em proporção insignificante, em limitadas indústrias e países. E não precisamente porque a modernização industrial haja estacionado, senão pelo contrário.

Aqui, em França, existe a lei das 40 horas de trabalho semanal; mas, cumpre-se? Raramente e, quando se aplica, não é difícil ver os obreiros aludidos recorrerem a trabalhos suplementares em que, às vezes, trabalham até 80 horas mais por semana, embora haja outros parados e a lei o proíba formalmente, com assentimento do sindicato, o que é mais triste.

Existem aqui, em todas as profissões e indústrias, cinco organizações sindicais diferentes: 1.ª) a de tendência comunista, C. G. T.; 2.ª) a de tendência socialista, C. G. T. — F. O.; 3.ª) a C. N. T. sindicalista revolucionária; 4.ª) a cristã; 5.ª) a autônoma. Isso, não contando o grupo, quicá mais numeroso, dos que a nenhuma pertencem.

Quando não se impunha, nos sindicatos, a luta de tendências, existiu uma C. G. T. bastante forte e capaz, por vezes, de notáveis rasgos. Recordo, por exemplo, os atos em favor de Sacco e Vanzetti. E, que, então, predominava nela um espírito sindicalista. Desde que o vírus da política a invadiu, foi perdendo vitalidade e potência. Hoje, com exceção da C. N. T., todas as outras são minhas de arrivistas, advogados sem causas e vive-dores, sem escrúpulos. A custa das quotas dos trabalhadores. Determinados partidos servem-se de cada uma como degrau ou como ameaça, conforme os casos e ocasiões.

Para vez presenciámos uma greve reivindicadora com todas as consequências que um ato dessa natureza traz consigo. As greves, em geral, são aqui políticas, de pressão, de simples ameaça; greves de advertência, de uma hora ou de um dia, das quais se nem a burguesia e o Estado-patrão, porque sabem que as próprias organizações que as declaram se encarregam de atender a todos os serviços de segurança e manutenção, anulando assim os efeitos da greve, servindo esta apenas ao exibicionismo dos chefes, a cansaço e desestímulo inútil dos sócios, já viciados a tudo receberem por vias legais, legalmente.

Dai a decadência do 1.º de maio. Os desfiles mais importantes foram quase sempre os realizados em Paris. Este ano, o governo os suprimiu com uma penada e nada sucedeu. Possível-

mente, a de tendência comunista, C. G. T.; 2.ª) a de tendência socialista, C. G. T. — F. O.; 3.ª) a C. N. T. sindicalista revolucionária; 4.ª) a cristã; 5.ª) a autônoma. Isso, não contando o grupo, quicá mais numeroso, dos que a nenhuma pertencem.

Quando não se impunha, nos sindicatos, a luta de tendências, existiu uma C. G. T. bastante forte e capaz, por vezes, de notáveis rasgos. Recordo, por exemplo, os atos em favor de Sacco e Vanzetti. E, que, então, predominava nela um espírito sindicalista. Desde que o vírus da política a invadiu, foi perdendo vitalidade e potência. Hoje, com exceção da C. N. T., todas as outras são minhas de arrivistas, advogados sem causas e vive-dores, sem escrúpulos. A custa das quotas dos trabalhadores. Determinados partidos servem-se de cada uma como degrau ou como ameaça, conforme os casos e ocasiões.

Para vez presenciámos uma greve reivindicadora com todas as consequências que um ato dessa natureza traz consigo. As greves, em geral, são aqui políticas, de pressão, de simples ameaça; greves de advertência, de uma hora ou de um dia, das quais se nem a burguesia e o Estado-patrão, porque sabem que as próprias organizações que as declaram se encarregam de atender a todos os serviços de segurança e manutenção, anulando assim os efeitos da greve, servindo esta apenas ao exibicionismo dos chefes, a cansaço e desestímulo inútil dos sócios, já viciados a tudo receberem por vias legais, legalmente.

Dai a decadência do 1.º de maio. Os desfiles mais importantes foram quase sempre os realizados em Paris. Este ano, o governo os suprimiu com uma penada e nada sucedeu. Possível-

Quando não houver dinheiro Governos, padres, mandões, Ao diabo o politiquero! Pá-de cal nas eleições!

até que o haja feito com o beneplácito dos partidos operários a fim de não ficarem ridículos os seus mandões, visto ser cada vez menor a assistência. A política, estragou de todo o trabalhador francês, e este já não tem nenhum ardor revolucionário. Sobretudo, depois que se decretou pagamento de salário em dias feriados.

Não podemos negar que possuía ainda o anarquismo certa força; mas não havemos de ocultar que tal força entrou a ser minada por elementos confisionistas, entre os quais, licito é pensar, deve haver agentes mais ou menos encapitados de um comunismo medíocre, que não sobreviverá muito tempo, mas que tem semeado suas dúvidas nos não muito convencidos. E ainda, se todos os ácratas franceses fossem parte da C. N. T., tão carecente de elementos propagandistas, muito diferente seria a situação dessa organização sindical, seção francesa da nossa gloriosa A. I. T.

maio de 1954.

(1) O companheiro espanhol Julian Floristan que pela primeira vez colabora em Ação Direta, foi ativo militante da C. N. T. na Espanha e lutou heróicamente contra Franco. Hoje, integra em França, no exílio, a energética luta contra o fascismo espanhol. Espontaneamente nos envia agora preciosas colaborações. Nos próximos números, publicaremos outras cartas já recebidas.

DIREITO AO FILHO

novela de FEDERICA MONTESENY (tradução de José Oiticica)

— A romântica deve estar dedicando seus pensamentos à lua.

— Vai murchando muito. Um ano atrás, parecia uma rosa, de fato. Mas, o cabo dos 30 ninguém dobra em vão. Já se viu moça mais ridícula? Ficar pa vestir santos; sozinha com dois velhos nesse casarão podendo haver-se casado à escolha!

— Póde mesmo casar-se? perguntou outro, um moço imberbe.

— Se póde! Como não? Com D. António, donô da Torre Negra; com o senhor Pimentel, êsse ricoço que veraneia aqui; com o mais velho dos Albanos, hoje médico de fama. Até o marquês bebeu ares por ela. Dez anos atrás, Rosa Maria era um pancadão. Chamavam-lhe a Rosa das Marias. Era o que se diz: uma beleza. Porém, tantas latas amarrou, que os pretendentes se cansaram. E agora tem trinta anos mal contados. E ainda é um pedaço!

O falante era um moço grandalhudo, esguro, e volvia olhos cobiosos ao balcão, onde se perfilava perfeitamente imóvel, esbelta e branca, a silhueta de Rosa Maria.

Outro do corrilho, de uns 35 anos, o único estouravergas famoso do povoado, com fumos de D. João, enamorado também, algum tempo, dessa arisca e enigmática beleza, disse com certa melancolia:

— Os passeios que dei por diante desta casa! Dez anos atrás, quanto não daria por ver à janela Rosa Maria. Então, já mais vinha à janela. Vivia a casa fechada a pedra e barro. Rosa Maria andava lá dentro, com o avô e a tia que a guardavam qual tesouro. Era a moça mais linda e rica do povoado. Não

podia acerrar-se dela quem quisesse. Não! Se eu houvesse podido aproximar-me dela, teria sido minha. Mas, o velho Riera a reservava para os bons partidos. E a pequena, quicá esperando um príncipe encantador, os foi refugando a todos. Foi-se o velho e Rosa Maria ficou só e livre.

— E te achegaste então? — perguntou maliciosamente um deles.

— Não! Já passara o xodó.

— O que lhe aconteceu foi uma lata maior que as dos outros bobos. Isso ele não diz. Coragem! homem, firme! Rosa Maria é de papouco ainda. E agora vem à janela, espera, talvez, os rondadores de outrora, os quais, hoje pais de família, já não rondam.

— As vozes se haviam, pouco a pouco, elevado. Sem dúvida seu próprio nome feriu as ouças de Rosa Maria, porque se ergueu, fitando as grandes pupilas no grupo, com singular expressão de orgulho e repto.

Ao ver que ela percebera a conversa, o grupo de tagarelas dissolveu-se. O moço grandalhudo levou a mão ao chapéu, saudando com um:

— Boa noite, Rosa Maria! a que ela, cortêsmente, respondeu. O estouravergas afirmou o chapéu e, sem alçar a vista, camou na primeira esquina. Algo existe imperdoável aos vantagistas em amor: a indiferença da mulher.

Volveu a praça ao silêncio, inundada apenas de lua e lá, no alto daquele balcão que tantas rondas de amor presenciou, a branca figura de Rosa Maria contemplava, inclinada, as frondas das árvores, erguidas como rostos ao beijo de Astartéia.

II ROSA MARIA

A família Riera, depois do marquês, antigo senhor do povoado, era a mais rica da vila. Dinastia de fidalgo, conservava todo o orgulho e dignidade da estirpe.

(Continua na pág. 4)

O TERCEIRO INIMIGO NA GUERRA CONTRA FRANCO

TRÊS ENGANOS SOCIAIS

Está à venda o interessante livro do companheiro P. Ferreira da Silva, que versa três engodos estatais.

PEDIDOS A JOSE OITICICA — CAIXA POSTAL 4588 — D.

FEDERAL — PREÇO Cr\$ 30,00

PADRES E POLITICOS

(Continuação da 1ª página)

ções políticas e religiosas, contribuindo com armas e homens. Tudo isso para quê? Senão para fazer perdurar a escravidão, a humilhação sofrida dos políticos e interesses capitalistas e religiosos? No fim, depois de correrem rios de sangue, tudo ficou como estava: dum lado, o domínio do totalitarismo russo-chinês, e do outro o imperialismo anglo-americano, com a Igreja dos dois lados. Nenhum ser humano, consciente poderá negar a responsabilidade dos padres e dos políticos por tais mortandades e destruições. Quando os jornais noticiam que o ministro tal ou o deputado qual acusa e descobre roubos do ministro tal ou deputado qual, suponho que os denunciados trabalhavam pelo bem estar do povo. Puro engano! tais acusações foram provocadas pelas circunstâncias do momento ou rivalidades pessoais, pelo que logo são arquivadas. Pouco depois, os mesmos denunciados, são acusados, por sua vez, por outros ministros. Isso é manobra política, que precisa conhecer, trabalhador amigo! Basta de exemplos para provar a hipocrisia atividade dos políticos por esse mundo fora e através dos tempos. Hoje, como ontem, o povo vive superficialmente, não procura analisar a máquina burocrática do Estado. Essa complicadíssima engrenagem encontra-se hoje em jogo, e exclusivamente por isso lutam desesperadamente.

"Povo! Todas as promessas passam por cima das maravilhosas riquezas saídas das mãos calosas dessa multidão anônima, que se chama Proletariado, da qual os políticos se apoderaram depois de conseguir os seus votos. No comando, jamais te conheço sequer. Em nenhum momento político deixam o amor benefício ao seu povo por livre e espontânea vontade, senão para tirar dessa dádiva fabulosas fortunas. Caso contrário, o pouco que desfrutamos foi cedido depois de sucessivas lutas, que custaram muito sangue, vidas e deportações. As chamadas leis de proteção ao trabalhador e ao menor servem apenas para vigiar os que trabalham e os seus descontos que os patrões são obrigados a fazer por lei, para os cofres do Estado. Não são para proteger os desamparados, os sem-família, os sem-instrução, os que dormem nos bancos dos jardins, nas calçadas ou debaixo das pontes, à margem das linhas do trem. O que trabalha, será praticamente protegido pelas suas aptidões profissionais, pelo cumprimento do dever e por seus sindicatos, quando devidamente dirigidos pelos trabalhadores. De proteção precisam os inconscientes, os dementes, os fracos, os abandonados, sem lar, sem pão, descalços e quase nus. São esses, sim, são esses, senhores políticos, os que precisam de proteção e vos lhes indicamos as portas das prisões ou a vala comum. Trabalhadores! estamos no século da velocidade, em que os engenhos de guerra benzedos pela Igreja são superiores ao som. E tempo já de despertar para assistir ao romper da nova guerra. Procurai conhecer a vossa solva a trabalhar pelo Anarquismo, de acordo com as suas possibilidades. Todos podem fazer alguma coisa. Basta querer. Se não o querem, então não merecem a designação de anarquistas.

A admirável obra de José Peirats La C.N.T. en la Revolución Española, solidamente documentada, revela-nos hoje, sem a menor dúvida, que, no glorioso rebatê à revolução fascista de Franco, três pavorosos inimigos se conluíram para vencer a resistência popular, encarnada sobretudo na Confederação Nacional de Trabalhadores e nos anarquistas da Federação Anarquista Ibérica (F.A.I.)

O primeiro inimigo era a burguesia localitária, representada na Espanha pela casta militar, falangista e pela Igreja Católica. Defendiam os seculares privilégios dos grandes possuidores da península.

O segundo inimigo era o capitalismo internacional em sua feição fascista e nacional-socialista, representado por Mussolini e Hitler. Estes mandaram para a península soldados e armas abundantes. Junto a eles, muito menor, mas eficiente, o português Salazar.

O terceiro inimigo, o mais perigoso, o mais destruidor, o mais infame na derrota da resistência popular, foi o Partido Comunista soviético, imolando no próprio território dos contra-revolucionários, ajudando sob a capa de aliado, porém sistematicamente apostado na eliminação, em vasta escala, dos principais homens da C.N.T.

O capítulo 35, do terceiro volume, deveria ser lido e meditado pelos anarquistas de todo o mundo como lição preciosa para o presente e para o futuro.

Este capítulo intitula-se El terror en los frentes. Leia os anarquistas estes subtítulos dos parágrafos: Demências ao ministro de Defesa sobre assassinios nas frentes. Ata de uma reunião de militares comunistas em que se combinou o extermínio dos adversários políticos. Das palavras aos fatos. Vários casos de assassinios. — A covarde matança de Turón. — Documento oficial sobre esse crime coletivo. — Novos assassinios em série. — O caso de José Meca, Juan Hervás e Jaime Trepát. — A política terrorista na Saúde Militar. — Misteriosos falecimentos nos Hospitais de Sangue. — Para a conquista da 175.ª brigada. — Campanha sistemática de extermínio. — Os grupos Durruti da 26.ª Divisão fazem causa comum com seus irmãos atrelados. — Conquista definitiva da Brigada.

Os primeiros documentos, tirados do arquivo do Movimento Libertário Espanhol, e o informe do Comité Peninsular da F.A.I. ao plenário do Movimento Libertário do mês de outubro de 1938. Diz assim: "Do indiscutível predomínio que tínhamos na direção da guerra contra o fascismo, passamos à categoria de simples carne de canhão."

Muitas vezes temos ouvido de lábios de companheiros que se arrogam especialidade de responsabilidade. "Se os companheiros soubessem da verdade do que ocorreu, impossível seria a continuação da guerra". O mesmo critério que sustentava Frederico o Grande da Prússia: "Se meus soldados soubessem ler, ninguém ficaria nas fileiras."

Neste momento, já poderíamos assinalar casos de companheiros que, sem defesa, na organização, encurralados em seus postos de primeira linha, optaram por aceitar a cadereta do Partido Comunista. Isso parece-nos sintoma de excessiva gravidade.

Nossos companheiros têm a impressão de que ninguém os atende, de que se deixa livre curso à nefasta política do Partido Comunista. Não se trata de uns tantos casos, senão de milhares e milhares de camaradas que confessam sentir mais temor de serem assassinados pelos adversários de ao lado, que de serem mortos em luta com os inimigos da frente."

Aos 25 de março de 1938 a Seção de Defesa do Comité Nacional da C.N.T. remeteu ao Governo longa série de documentos comprobatórios das tropelias do P.C. na frente de batalha, com uma carta de que trasladamos um tópico. Nela pede a C.N.T. providências energias contra as vilas



nias do terceiro inimigo, o Partido Comunista.

"Nossa advertência é séria e nossa disposição para que se faça justiça firmemente categórica. São de tal natureza os fatos, que sinceramente pensamos que nos ouçam e atendam. E esse pensamento nos leva a evitar-nos exacerbações que consideramos um mal para a guerra."

O primeiro documento enviado ao Ministro da Defesa (comunista) foi a cópia de uma ata de uma reunião de militares do P.C. Nessa reunião ficou estabelecida a campanha destrutiva, antes de tudo, do Movimento Libertário Espanhol, isto é, dos anarquistas, justamente daqueles que tinham salvo a Espanha, de Franco. Na reunião propôs o sargento comunista Martín Galdós a eliminação do comissário do batalhão 565 porque não lhe permite propaganda política e fala sempre em nome do governo republicano. Isso foi apoiado pelo comandante Menéndez que informou haver nesse batalhão 565, muitos anti-comunistas, sendo coisa essencial a eliminação do comissário. Da mesma opinião se manifestou o tenente-chefe do batalhão e o tenente José Pérís. Toma a palavra o chefe do Estado Maior A. Merino que assim resume o plano por ele recebido para propaganda comunista:

- 1) Necessidade forçosa de intensificar a propaganda; 2) Conseqüência e captura de novos militantes; 3) Criação imediata de Troikas nas Companhias; 4) Informes rápidos da atuação das ordens e comissários não favoráveis ao partido; 5) Estudo imediato da forma de transferência, retirada ou eliminação dos não afelcoados; 6) Celebração de reuniões mais amiguadas; 7) Intensificação do trabalho de desconfiança às ordens e comissários não afelcoados ao partido. A reunião terminou com aviso dos chefes para que procedessem às eliminações dando depois parte de derrota do "eliminado". A ata está assinada por Guillermo García e datada assim: — P. C. 17-3-1938.

José Peirats, enumera então uma série impressionante de assassinios calculadamente cometidos pelos servos dos Soviéticos.

Vale a pena contar o assassinio coletivo de anarquistas em Turón. "Os fatos de Turón, diz Peirats, revestem maior gravidade. Um belo dia, o Chefe do 23.º corpo de exército, tenente-coronel Galán, envia ordem para que cada Brigada remeta ao Quartel General, um pelotão ou esquadra composta de comprovados antifascistas. Assim se cumpre e, seguidamente, se dão instruções a essas forças para que marchem para Turón, povoado de Alpujarra granadina, de uns 2.500 habitantes. Pela ordem dada, tratava-se de eliminar uma série de elementos fascistas do destacamento de presos políticos daquele povoado. Assim se fez e disso resultou que soldados do C.N.T., socialistas e republicanos, assassinaram, por ordem do Comandante Superior, a companheiros de sua própria organização. Estava sendo construída então pelos prisioneiros, a rodovia de Turón a Murias e os cadáveres foram enterrados na excavação da própria estrada. Esse crime de cuja responsabilidade não se podem eximir nem os simples executantes, não pôde permanecer calado. Por pres-

são da opinião pública, o Tribunal Permanente do Exército de Andaluzia abriu inquérito. As primeiras instruções comprovam que as ordens partiram do chefe do 23.º Corpo de Exército. Em vista disso, o Tribunal retrocedeu, temendo enfrentar-se com Galán."

O desaparecimento de José Meca, da C.N.T., de Juan Hervás do P.O.U.M., de Jaime Trepát Solá, tão bem documentado, é significativo; mas, longo seria expô-los miudamente.

A ação proselitista e, sorrateiramente, hostil dos negregados políticos soviéticos se mostrou clara no serviço de saúde do exército antifranquista. Os arquivos da C.N.T. estão cheios, afirma Peirats, de documentos comprobatórios dessa monstruosa trágica de assassinios, nos hospitais, de companheiros anarquistas. Há uma memória escrita com o título Política comunista en Sañidad com muitos documentos. Um destes é da data de 8 de julho de 1938, assinado pelo Comissário da 120.ª Brigada, assim se exprime:

"Mas, o pior do tudo não é isso; o pior é a grande quantidade de homens que morrem por desídia, incompetência ou má fé dos facultativos. Vimos casos vergentosos, incompreensíveis de todo, dadas as circunstâncias ocorrentes, que fazem temer sabotagens estudadas, previstas ou interesse em demoralizar os combatentes. Por muito que nos expliquem, nunca chegaremos a compreender como faleceu o que foi chefe da Brigada Mista 121, major Gil Montes; por muito que nos digam, não acertaremos na explicação de como se finou o que foi chefe de um batalhão da Brigada 119, camarada Agustín Solá. E assim, sucessivamente, ou permanecem na incógnita os falecimentos do que foi chefe da Divisão 30, major Don Nicanor Felipe, do cabo Joaquín Ballester Alcarria, que pertenceu ao batalhão 479 dessa Brigada, do tenente Don Francisco Perez Rodriguez, engajado no batalhão 477 dessa unidade e de tantos outros."

Como exemplo, cita-se o caso do mencionado Alcarria que morreu na Clínica nº 3 de Barcelona em consequência, dizem, de tétano. Sua morte deu-se após uma injeção ministrada quando já recebera alta e prestes a deixar o hospital.

Pretexto para a F.A.I. (Federação Anarquista Ibérica) o Sindicato de Saúde e Higiene de Barcelona respondeu aos 18 de julho de 38:

"Premidos pela petição que fazéis a este Sindicato, referente à maneira por que funcionam os Hospitais Militares, passamos ao vosso conhecimento os dados que possuímos e de que já demos conta aos organismos superiores da C.N.T.

"Nos Hospitais Militares há um problema latente. Faz-se-meias a mais baixa, a mais rasteira das políticas e vítimas dela são os enfermos e os companheiros feridos. Cotiza-se-lhes o sofrimento e suas feridas, condiciona-se o seu bem estar de enfermos à sua filiação política."

"Nos estabelecimentos sanitários militares infiltraram-se, de modo absoluto, os elementos comunistas, esse setor de discórdia. Os feridos são curados quando os médicos querem e, se são desafetos do Plano Maior dominante no hospital, não se curam. Nossos delegados, sindicais do Hospital Militar, base de Vallorea, assinalaram-nos casos verdadeiramente monstruosos. Enfermos que não se curaram nem ontem, nem hoje, nem amanhã, cujas feridas acabaram em gangrena, bichando-se o membro ferido. Neste hospital medra uma célula comunista, capitaneada pelo doutor Linares, um dos valentes que, na ofensiva de Aragón, abandonou equipagem e feridos e veio precipitadamente para Barcelona."

"Mas, o caso da Vallarca é o de todos, absolutamente de todos, os Hospitais Militares. O médico, o praticante, a enfermeira e o diretor, se não são comunistas, estão expostos a toda casta de humilhações, de coações e o que é pior, expostos também a ser envolvidos numa infame armadilha que os jogará nos fossos de Mont-

juich. Nos estabelecimentos em que temos nas mãos a administração e direção, como em San Gervasio, a célula comunista empreende uma ofensiva de calúnias e difamações tal, que os empregados se levantam contra esses companheiros..."

"Os companheiros que ocupam cargos de responsabilidade na Saúde Militar são poucos e se acham materialmente rodeados de espias que os seguem passo a passo e lhes tornam impossível a vida. Há uma ordem circular da Chefatura Superior da Saúde, aparecida no dia 30 de abril, em virtude da qual se mobiliza o pessoal masculino, se suprimem os delegados sindicais e se dá uma pontada na C.N.T., única finalidade dessa Ordem Circular."

"Os tribunais médicos são outro dos casos mais pinturescos possíveis. Se tivéssemos a coragem de penetrar no interior dessas guardas de fascistas disfarçados em vermelhos, veríamos cousas... em verdade admiráveis. Feridos já são, curados, a que não se dá alta porque são do Partido. Pobres diabos da C.N.T. ou de outro organismo sindical ou político qualquer, os quais, não curados ainda, vão para a frente. Todos os militantes comunistas são cardíacos, tuberculosos, etc., etc. O companheiro, doutor Valhina, é um dos médicos que fazem parte do Tribunal do Hospital de San Gervasio. Esse bom companheiro poderia ilustrar-nos sobre muitas cousas a lá traço no papel."

A história da heroica Brigada 153 é característica porém longa. Os comunistas lutaram porfiadamente por liquidá-la até conseguí-lo.

Como fim da tragédia instaurou-se o terror comunista na retaguarda. Esse negro episódio da traição se narra no Capítulo 36 do precioso livro de Peirats.

Em 15 de agosto de 1937, dominando o comunista Negrin, criou-se o Serviço de Investigação Militar, o S.I.M.

Basta agora lermos os subtítulos do capítulo 36: "O S.I.M. nova inquisição ibérica. A tcheca do ex-covento de Santa Ursula. Evolução do organismo da ordem pública. Os chefes do S.I.M. e seus conselheiros. Suas imoralidades e crimes. As repercussões desses crimes no estrangeiro. Comissões investigadoras na Espanha. Contraofensiva da imprensa comunista. — Os camaradas do serviço especial. — A G.P.U. monta a armadilha contra a P.O.U.M. — Como foi assassinado Andrés Nin. — Acabaram-se os passeios! — O processo da P.O.U.M. — Os acusadores, as testemunhas e a sentença. — Temos de condenar e condenamos."

Não nos sobra espaço para mais. Neste mês de julho, comemorativo da resistência oposta pelos anarquistas à revolução fascista de Franco, muito importava se apontasse o terceiro inimigo, o mais oporoso, o mais eficiente, o mais vil, contra que tiveram de lutar as forças anti-fascistas de Espanha. Fascistas vestidos de vermelhos, acabados traidores da liberdade, comparsas de Mussolini e Hitler, infiltrados sorrateiramente para enfraquecer a resistência e, na hora aprazada, abrirem a Franco as portas de Madrid.

Tal foi efetivamente o papel da negra horda bolchevista, a artífice da derrota. Serviram, quando nada, de ótima lição à boa fé dos verdadeiros amantes da liberdade humana."

És anarquista? Que fazes, porém, para que teu ideal se transforme em realidade? Pensamentos elevados, belas palavras, de nada valem se não forem acompanhados de "AÇÃO". Faça cada qual um exame de consciência, pese as suas próprias forças e se resolve a trabalhar pelo Anarquismo, de acordo com as suas possibilidades. Todos podem fazer alguma coisa. Basta querer. Se não o querem, então não merecem a designação de anarquistas.

DIREITO AO FILHO

(Continuação da 2.ª página)

O último Riera foi D. Marcelino, avô de Rosa Maria. O pai da menina casou-se muito jovem com uma senhorita castela, grácil e débil, que morreu de parto. Ficaram os dois homens, pai e filho, e uma filha solteira, com Rosa Maria, a pequena. E, indo Rosita pelos três anos, morreu-lhe o pai de febres malignas, contraiadas nuns perigosos pantanos, junto aos quais tinham os Rieras grandes plantações de canhamo.

A pequetita, já órfã, criou-se nos braços de tia Adela que renunciou ao matrimônio para não abandonar o pai, já velho, nem a sobrinhinha órfã. Adela, meiga figura de mulher, resignada e sonhadora, pu o tipo de heroína obscura, de vida mongil e alma secretamente ardorosa e poética, ajudou a formar aquela natureza delicada e estranha.

Tinha só dez anos Rosa Maria, e já seus grandes olhos de Dolorosa sua expressão pensativa, sua boca pura, o conjunto de indescritível encanto daquela sensitiva, atraíam todos os olhares.

Tomava-a o avô nos braços e a tinha horas a fio nos joelhos brincando com seus risos, amimando-lhe os longos cachos, silenciosos ambos: ela, meio adormecida ou sonhando desperta, êle pensativo, sentindo nascer, ao contacto sedoso daquela inflexível criatura, toda a sua vida e passados amores. Amava-a com o duplo amor de avô, em que se fundem os carinhos do pai, dobrados em duas gerações, carregados de duas idénticas ternuras.

Educou-a primorosamente. Internou-a num convento aristocrático, dos dez aos dezesseis anos.

Ao volver do convento, já senhorita e mulher formosíssima, instalou-se rainha no casarão e entronizou-se no coração do povoado.

Foi, nesse ano, rainha dos jogos florais, soberana indiscutível, por sua graça e beleza, daquele pequeno mundo.

Depois, foram-se apresentando os partidos, examinados e aceitos pelo avô. Primeiro, ela respondia, sorrindo, que era ainda muito jovem; depois, sorrindo também, "que não era seu tipo". Fez 20, 22, 24, 26, 28 anos. O avô morreu triste de a deixar só, sem alcançar o enigma de sua isenção.

Ficou Rosa Maria só, no casarão. Vivía com tia Adela e com o velho camareiro de D. Marcelino.

A jovem, por entre o estuapor do povo, saía a passear percorrendo a cavalo as terras, propriedade sua. Portava-se generosa com todos. Os trabalhadores alegravam-se com suas dádivas e indulgência. Lhana e extremamente simpática, ia aos lugares pobres carregada de roupas, dinheiro e guloseimas.

Levantava nos formosos braços as crianças maltrapidas, limpava-lhes a carita com o lenço e as comia de beijos.

A família Riera tinha fama de nobre. Era uma dessas dinastias aristocráticas, que soberbaram dar certa dignidade ao dinheiro. D. Marcelino, o avô, foi verdadeiro grão senhor, mais atento em dar que em receber. A casa empobreceu-se, perdeu em cresces, mas ganhou em consideração e carinho entre o povo.

Ao passar às mãos de Rosa Maria, estava muito depresso o haver da família. Contava com decente renda, produto das terras cedidas a meias. Porém, não sendo exigentes, nem negociando com o dinheiro — e menos o fez Rosa Maria — foi a fazenda mingando, com parcelas em mãos de usurários.

Não obstante, continuava Casa Riera. Continuava o cofre onde iam buscar cem duros para passar o ano os camponeses necessitados, duros que devolviam ou não, pois Rosa Maria jamais os reclamava.

Choviam as críticas. Ninguém atinava com sua solteirice e todos faziam lúgubros prognósticos sobre o porvir daquela grande casa que se extinguía por mingua de herdeiro direto, no mistério daquela mulher solitária e formosa, encerrada entre lembranças, dentro das altas e pardas paredes.

Rosa Maria tinha então trinta e um anos. Era alta, esbelta, de bom porte, rosto fôrmoso e nobre, fronte larga e tersa, a que assomavam rebeldes e graciosos risos, grandes olhos muito negros e cabelos castanhos, salpicados, aqui e ali, de fios brancos. A boca abria-se, com essa pureza e perfeição de linhas das antigas estátuas, em constante sorriso, afável e melancólica.

As mãos de longos e afilados dedos, afeitos a correr nas teclas do piano, tinham inexplicável encanto. Eram famosas por sua perfeição suprema. Um dia um pintor que as viu pediu-lhe permissão para pintá-las. Ela, movendo a cabeça e sorrindo, ocultou-as pudicamente sob a touquelha.

Vivia sem relações sociais, ocupando a vida entre passeios solitários e sonatas ao piano. A música absorvia toda a esplêndida palpitância daquela alma. E nessa punha tal sentimento, havia nela tal instinto da harmonia, que, luzissem publicamente suas faculdades, fora considerada virtuose.

Tocava, de preferência ao cair da tarde e as notas penetrantes filtravam-se pelo balcão, escorriam pela praça, onde dormitavam, sentados nos bancos, dois ou três velhos, costiam mulheres e brincavam meninos.

Peças de Beethoven, trechos de Schubert e Schuman, a maravilha de brilho e eloquência de Falla, o som popular e entra-nhável, cheio de encanto, das sardanas, tudo falava de sentimento, melancolia, sonho, saudade sob os dedos, sob as mãos únicas da pianista.

Lia também, cosia e sonhava. Mas, aquela vida, igual, sem distinto matiz, sem fim determinado, sem ocupação constante, quanto desaperada e insuportável devia, por fim, ser. Que sensação de vazio, de desolação, deveria invadi-la ao longo das noites, ao considerar a inutilidade e a solidão de sua vida, ao pensar na agonia daquela raça, daquele nome que nela se ia extinguindo.

Porque? porque não se casara Rosa Maria? (Continua)

ENCARANDO A ESPANHA FRANCO E A IGREJA

Por CRISTOBAL GARCIA

Como deve estar lembrado, a República Espanhola de 1931 derrogara a velha concordata de 1851 e seu complemento de 1859. Ora, aos 27 de agosto de 1953, no Vaticano, Mons. Domenico Tardini, representante de Pio XII, e Alberto Martín Artajo, ministro da R. R. E. E. do caudilho Fernando Franco Bahamonde, assinaram uma concordata nova, em nome da Santíssima Trindade, depois de consumados os fins da Cruzada: pagar-se o clero espanhol com ágio e por conta das riquezas do país e do sangue dos seus habitantes, daquilo que esse mesmo clero espanhol chama "despójo de seus direitos hereditários" com o sinal e o selo do jugo e das flechas.

Essa concordata vaticana consta de 35 artigos, cada qual mais infamante, que ata a Espanha aos pés da cruz e subjugou os espanhóis ao poste das mais iníquas das tiranias. Omite o qualificativo em respeito a todos, por ser ela o maior agravio e escárnio infligido a um povo em pleno século XX, era da chamada civilização humana. Isso faz-me lembrar aquela famosa lei ditada por Largo Caballero contra os desocupados e malfazejos.

A supradita concordata, assinada em nome da Santíssima Trindade, e que, em verdade, é a mais aviltante peça forjada por mente humana, retrotrai a Espanha ao tempo de Filipe II, o inquisidor, o rei cretino, que, na infância, queimava animais vivos, atacado de furor místico-religioso, rocante ao crime, tempo em que a inquisição queimava vivas as pessoas que não pensavam como eles ou não criam nos seus credos sacrossantos. Tal foi Giordano Bruno, numa praça de Roma, aos 16 de fevereiro de 1600, por ordem do papa Clemente VIII, que presenciou a execução acompanhado de bispos, arcebispos e cardeais. Cristóbal Colon y Carvajal safou-se da fogueira por haverem-no considerado louco, represália da Igreja por haver ele descoberto aos 12 de outubro de 1492 a ilha de Guanahani, a que chamou São Salvador (hoje Waling). A Galleu o encerraram num calabouço. Francisco Ferrer y Guardia, fundador da Escola Moderna, foi fuzilado nos fossos do castelo de Montjuich no ano 1909, por vinganças da mesma Igreja.

Antes de 1936, data em que se sublevaram os caudilhos com o concurso do militarismo, clero e burguesia, já existia, de fato, o clima da traição e mando onipotente da Igreja C. A. R. Quando as hordas fascistas se apoderaram da Espanha, o poder absorvente do clero se cravou, como cunha, no coração das multidões. E' bem claro que a nova Concordata veio corroborar o que já era lei na Península, a supremacia do poder eclesiástico à maneira de Torquemada e Arbués de baixo do jugo e das flechas. Pode dizer-se que a Espanha atualmente se ata de pés e mãos ao monstro negro.

Desde que o Cruzado e Caudilho Franco, o das mãos vermelhas, se apoderou do poder auxiliado pelas potências do Eixo Berlin-Roma e protegido hoje sotto voce pelas chamadas democracias, contra as quais lutou direta e indiretamente e que deveria ter ocupado um lugar ante o tribunal de Nuremberg e que uma vez insultou a Truman em ato público, dizendo horrores d'ele e das democracias, temo-lho visto ir-se sentando na poltrona aveludada e brilhante da diplomacia. Igual a ele é o Cardinal Segura, arcebispo de Sevilha. Esse disse, num telegrama da agência Reuters, passado de Madrid ao periódico liberal New-Chronicle, que "a Espanha não pode, por motivos materiais tão mesquinhos como a obtenção de alguns dólares, mudar seu teor de vida ou deixar-se perverter ou permitir que sejam pervertidos seus filhos". "Presume-se, acrescenta o periódico, que essa declaração constitui um ataque ao recente acordo de defesa e ajuda hispano-norteamericano".

Não há nação no mundo onde legalmente um ditador e o clero, confundidos, disponham de tantas prerrogativas e hegemonia de mando como na Espanha. Pois deram-lhe entrada na U. N. E. S. C. O organismo encarregado das atividades da Cultura, Ciências e Artes e criação da O. N. U. Mui provavelmente, como vão as cousas, o veremos, a Franco, sentado numa cadeira da mesma, consumando-se assim a infâmia definitiva que ele busca. Essas mesmas democracias esquecem-se, no entanto, ou não querem lembrar-se de que o con-

denaram moralmente nas Nações Unidas, em S. Francisco (junho de 1945), Londres (fevereiro de 1946) e Nova-York (junho de 1946).

Nós outros, libertários da C. N. T., sabemos a fundo a história acontecida antes e depois de nossa luta contra o fascismo e é por isso que, inteirados de tanta traição, tanta injustiça e tanta parolagem no mundo da política, ante a manifesta baixaza do Cruzado Franco e da Democracia, reafirmamos nossa posição antiestatal, convencidos de que não haverá paz nem tranquilidade e, muito menos, dignidade na Espanha, enquanto Franco e seu regime não desaparecerem, eles causadores da desdita que padece o povo desde 1936.

Nesse interim, o povo, os homens nobres e generosos dessa terra mártir, a dos Ganiets, dos Py y Margalls, dos Cossios, dos Lorenzos, dos Salvocheas, de Mella, dos Owens, dos Cabets, dos Campanellas, dos Saint-Simons, dos Ferrer y Guardia e de tantos outros idealistas e doutrínarios mais usados do socialismo autoritário e do socialismo ácrata calam e trincam sua raiva. E, no desespero de sentir novo elo na cadeia que os aprisiona e tortura, hão de volver os olhos para o país da Liberdade que um dia Cristóvão Colombo descobriu e, mais tarde, se converteu em sustentáculo de todas as injustiças e esteio de todos os tiranos.

Todavia, temos fé e convicção de que o verdadeiro povo espanhol, a única vítima, esse povo nobre e generoso que sempre deu provas inequívocas e que jamais se esquece de que tem direito de ser livre, iniciou uma era de formidáveis agitações, de profundos simos que não terminará até conseguir-se o fim colimado pela História, a evolução das sociedades, o curso das idéias morais, o progresso científico, os princípios da economia e a evolução dos homens.

Não se pode ser profeta, nestes momentos de prova, para determinar futuros protestos e atos de repúdio; porém, ante tamanha iniquidade e injustiça tramada entre Franco e a Igreja espanhola, esse povo, ainda num ambiente de terror, sob a tirania que o sufoca, saberá um dia, não muito longínquo, redimir-se da escravidão mais abjecta a que se acha submetido.

O CASO DA GUATEMALA

Que barulheira!
Como tôdas as barulheiras capitalistas desde a remota antiguidade!

A piratagem gosta de charivaris espetaculares.
Por um lado, berram os democratas americanos contra a invasão da Guatemala por comunistas mascarados.

Da outra banda, urram comunistas confessos e comunistas mascarados de socialistas, contra a invasão da mesma Guatemala pelo Estado americano, protetor de companhias americanas exploradoras! Puro zunzum da feira internacional!

A verdade verdadeira é que têm razão uns e outros.
O capitalismo-democrata, o capitalismo-totalitário, o capitalismo-comunista é tudo o mesmo piratismo velho com rótulos tapeadores por fora.

Na Guatemala, dois Estados avançam no bôlo. Quem pode mais se apossa d'ele. Os americanos vão-se apossando, como outrora se apossou a Inglaterra do que era apossável, como se apossou a Rússia da Polônia, da Tchecoslováquia, da Iugoslávia, da Hungria, da Bulgária, da Romênia e, se o tivesse podido, da Grécia, da Turquia, da Coréia, da Indochina, etc.

Lôbos de um lado, lôbos do outro; a carniça entre eles.

Mas, isso é da índole mesma do capitalismo!
Vociferar contra isso é sinal ou de profunda ignorância, ou de acabada salafarice!
Para nós, é mais salafarice!

PARA ONDE VAI O DINHEIRO DO TRABALHADOR

Persistimos e persistiremos na demonstração, pelos fatos, da ignóbil farsa que são as leis sociais e os famosos institutos com que a velhacaria getulina iludiu os trabalhadores para lhes destruir os sindicatos, únicas armas suas de defesa. Hoje vem à cena o IPASE. Como costumamos fazer, apenas transcrevemos o que afirmam jornais burgueses. Do "Correio da Manhã", de 12 de maio de 1954, copiamos os seguintes tópicos:

Moradores de um conjunto residencial construído pelo IPASE na Rua Farani n.º 61, em Botafogo, formularam novas e sérias denúncias a este jornal, a respeito de graves irregularidades verificadas em relação à construção e à venda dos referidos apartamentos. Trata-se de mais uma prova da irresponsabilidade e dos abusos que já se tornaram sedícios na previdência social, negociadas aliadas ao desrespeito à lei e ao espezinhamento dos direitos adquiridos pelos contribuintes. Enfim, um retrato da "previdência" que aí está.

O IPASE, ao construir os apartamentos da Rua Farani resolveu instalar ali um incinerador. A firma especializada, na qual o incinerador foi comprado, também instala o material que vende. Mas a autarquia, por motivos que os reclamantes ignoram, apenas comprou o incinerador. Não quis que a firma o instalasse! E então fez o seguinte: contratou biscateiros para instalarem o aparelho. Tal instalação acentuam os locatários, deveria ficar a cargo de um técnico especializado no assunto. Como tal não aconteceu, houve o irremediável: começaram logo a surgir defeitos na instalação, estando o incinerador em vias de entrar em pane... Ultimamente, todavia, em face das últimas reclamações dos moradores, o Instituto resolveu entrar em entendimentos com a firma na qual comprou o aparelho, para que a mesma consentasse a instalação. O orçamento apresentado pela firma prevê uma despesa de cerca de 75 mil cruzeiros.

Informaram mais os locatários que o IPASE não tem interesse em gastar dinheiro com obras de melhoramento nas habitações por ele construídas, bem como faz o possível para restringir ao máximo tôdas as despesas e obter o maior lucro possível em tôdas as suas transações. O motivo é este: no fim de cada exercício financeiro a diretoria da autarquia recebe uma grande percentagem dos lucros obtidos pelo Instituto. Certa vez um dire-

tor da mesma autarquia teve uma cota de 300 mil cruzeiros. Enquanto isso, os contribuintes não recebem os benefícios mais simples, assegurados depois de anos e anos de contribuição. Ali o dinheiro dos associados é empregado em tudo menos na assistência a que os servidores têm direito".

A denúncia se estende e afinal damos com o seguinte tópico conclusivo:

A verdade é esta: o descalabro imperou na construção do prédio, e impera nas transações do IPASE para com os locatários bem como na situação em que o prédio se encontra.

Segue-se uma resenha dos escândalos nas transações do IPASE com os locatários. Ao lado dessa reportagem, vem mais isto sob a epigrafe O RETRATO:

Além dos fatos alinhados na reportagem ao lado, damos abaixo outros abusos constatados na previdência social. São o retrato do descalabro que impera nos institutos e caixas de aposentadoria e pensões, onde tudo acontece, menos a efetivação da assistência a que têm direito os contribuintes. Eis os fatos:

1 — O presidente do IAPM, sr. Amancio Palmeira, em novas declarações ao "Correio da Manhã", afirmou que atualmente as dívidas das empresas do governo para com a autarquia, ascendem a cerca de 600 milhões de cruzeiros. E' quase impossível o governo saldar a dívida...
2 — Extranumerários com mais de dez anos de serviço, ao solicitarem empréstimos simples ao IPASE, viram suas pretensões negadas. A autarquia alegou que o seu Conselho Deliberativo resolvera tomar aquela decisão. Argumentam os extranumerários: o aviso afixado numa das paredes onde funciona a Divisão de Aplicação de Capital está assinado pelo chefe da referida divisão, e não menciona nenhuma decisão do citado conselho. E perguntam os servidores: que faz o IPASE com o dinheiro que desconta dos nossos vencimentos há mais de dez anos?

3 — Segundo o presidente do IAPM, em princípios de 1951, o Lloyd Brasileiro devia mundos e fundos. Inclusive àquele instituto. Mesmo vendendo toda sua frota mercante não poderia pagar o que devia. A dívida para com a previdência era tão grande que o governo resolveu conceder-lhe uma subvenção para saldar parte dos compromissos.

USURPAÇÃO SINDICAL

Bomba atômica. Bomba de hidrogênio. Bomba de cobalto. São essas as novas fórmulas de paz e civilização. Explosões experimentais. Destruições em massa. Aniquilamentos bárbaros. São essas as preocupações atuais de todos os Estados.

Reuniões, conferências, discussões, congressos, paz, paz e paz. Cuidado! Trabalhadores. Em vosso nome o capitalismo alinhava suas artimanhas e, se o povo deprecia seus argumentos, sofre terríveis conseqüências.

Aproveitando a desorientação e o confusãoismo iniciado e criado nesta última guerra, com linguagem hipócrita, que esconde sua hábil política, continuam mantendo latente estado de nervos.

Sob rótulos de papões disfarçados, propagados e difundidos em congressos, câmaras e pulpitos, submetem os povos a esse constante martelar de guerras e bombas.

Esse terror estatal cria uma paralisia de ação que incapacita os povos de se organizarem para defender-se e penetrar no terreno da justa reivindicação.

Em que situação nos encontramos? De integridade, crença e fé na luta, melior. Porém, os pontos vitais em que se devem apoiar necessariamente nossas forças na luta pelos direitos do proletariado não correspondem às necessidades do momento.

Os Estados, aproveitando motivos circunstanciais por eles mesmos criados, têm sabido desviar, transformar e envolver em seus elos as facções consideradas perigosas ao seu porvir. E os sindicatos, as fábricas e as oficinas ficaram sob seu domínio, mutilados por normas por eles impostas.

Ele que experimente suas bombas! Deixemo-lo com suas etiquetas e rótulos de crime e vergonha. O que importa e não podemos tolerar é que nos emburle e desvie com suas manobras. Afugentemo-lo de todos os lugares que, logicamente, nos pertencem.

Concentremos, entre a massa proletária, essa comunhão sindicalista libertária que é e será a única força capaz de frear esses impulsos injustos e ambiciosos e fazer que as loucas, vandálicas e criminosas experiências bélicas cessem de vez.

Existem duas forças neste mundo, antagonico entre si: o trabalhador e o capitalismo, o explorado e o explorador, a blusa e a casaca. O que uma quer é roubar e escravizar o suor do irmão; o que a outra pretende é estabelecer entre os povos igualdade comum.

O porvir pertence a esta no dia em que, concentrada num sindicalismo apolítico e íntegro, forçar a primeira a pender para um equilíbrio social melhor.

O capitalismo organiza sua defesa estabelecendo, sem escrúpulos, contínuos tratados de vergonha e horror; disso resultam esses monstruosos acordos das forças estatais contra os pro-



gressos sociais, contra a liberdade dos povos e contra a liberdade de um sindicalismo livre. Daí, tirânicos usurpadores como Stálin, Mussolini, Hitler, Perón e Franco; daí, essa descarada e esta estabelecida pelo Estado e dita orientação sindical, essa intrusão vil do parasita em casa do produtor.

Ao sindicalismo controlado deve suceder imediatamente o sindicalismo livre e exclusivo do produtor. Esse falso apoio fratricida não pode prosseguir. Para isso, não devemos descansar.

O sindicalismo controlado é uma calamidade proletária. O sindicalismo não pertence ao Estado, pertence ao produtor, ao trabalhador. E para que suas justas reivindicações sejam ouvidas e respeitadas necessita de toda sua força, toda sua integridade. A menor ingerência do Estado em seu âmbito é freio a seu progresso, é sua contumélia afogada em sua vitalidade.

Por esse motivo, nada pode o sindicalismo ceder, nem conceder, a um Estado, a uma política, a um partido. A menor concessão atrofia e mutila a totalidade de sua ação.

A classe parasitária, neste momento, intenta adormir-nos com suas vozes de bombas, guerras e paz. Nossa resposta deve ser com a luta direta contra o império dessa casta que, para aumentar seus lucros, aparece com negros argumentos; que, com o Estado, viola os direitos do trabalhador; que, com seu luxo e opulência, insulta o suor e a miséria; que, com suas religiões, curva os joelhos e que, com sua diferença de classes, esbofeteia a razão.

Não! não! O trabalhador não deve tolerar que parte de suas energias e suor lhe seja usurpada para lhe explorar a ação e manterem os estelos dessa repugnante desigualdade.

Se querem paz, deem justiça; se querem tranquilidade, não nos roubem o pão. O povo tem fome e, portanto, necessita de alimentos. Com palavras vãs ninguém se alimenta. E' preciso despertar e, nas fábricas, nas oficinas, nos sindicatos, é o blusão que há de combater, sem tréguas, a casaca.

SER OU NÃO SER

Em Panfleto, n.º 24, p. 13, o sr. Hermínio Lara escreve um artigo Soluções de Monopólio, não! O sr. Lara defende a Democracia contra o capitalismo e contra o socialismo não-soviético.

O capitalismo explora e falhou para a consciência moderna.
O comunismo soviético explora também, pois não passa de um capitalismo estatal com salários e miséria. Nele, substituiu-se o monopólio particular pelo monopólio do Estado, pior ainda.

O socialismo não-soviético falha igualmente porque explora também o trabalhador desde que sua solução consiste nas encampações do monopólio particular pelo Estado. O sr. Lara exemplifica e seu exemplo é a Light. Como, segundo os socialistas, terminar a exploração monopolista da Light? Encampando-a; mas, essa encampação nada garante ao trabalhador, pois o monopólio continua. Real-

mente, exemplos vários temos de monopólios estatais péssimos.

Para o sr. Lara, a solução verdadeira é dada pela Democracia. Mas, em que consiste a democracia do sr. Lara?

Ouçamo-lo: "Na Empresa Democrata, prevalece uma ordem econômica de Liberdade e Igualdade, sem dirigentes e dirigidos, sem patrões e assalariados, sem a empresa maior engolindo a menor".

Limita-se a isso a definição de democracia do sr. Lara; mas, claríssimo é que, há seguramente um século, só uma corrente social prega isso: o anarquismo!

Ou nunca ouviu o sr. Hermínio Lara falar em anarquismo? E, se ouviu, porque batizá-lo com esse desmorallizado nome de Democracia embora com D maiúsculo?

Que é de fato o sr. Lara? anarquista ou tapeador?
E' ou não é, ou está fingindo não ser o que é?
Mas, já esse disfarce é suspeito.